

## Tecnologias de gênero e educação maior

### Gender technologies and major education

### Tecnologías de género y educación mayor

Alan Isaac Mendes Caballero<sup>1</sup>

**Resumo:** Mapeia produções brasileiras sobre gênero e bebês para recriar tecnologias de gênero participantes da sujeição do desejo infantil. O método consistiu em revisão exploratória de literatura. Nas produções encontradas o termo “bebê” costuma ser substituído por “criança”; os discursos dessas infâncias são abordadas como produtores de subjetividades generificadas nas relações entre sujeitos de uma mesma geração ou de diferentes gerações. Além disso, a maioria das produções está concentrada na área da educação, o que explica o sentimento comum de que é necessária uma reorientação da Educação Infantil a partir de um ideal de inclusão, o que contribuiria para compreender os bebês como sujeitos de direito presentes no cotidiano da pré-escola, mas percebe-se minoridades em suas redes de significação.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Menor; Bebê.

**Abstract:** This article maps brazilian productions about gender and babies to recreate gender technologies that participate to the babies’ infant desire subjection. The method consisted in exploratory literature review. On finded works the term “baby” is currently substituted by “child”; the discourses about these infancies are approached as producers of genderized subjectivities in relations between subjects of the same generation or of diferents generations. Besides it major of works it is concentrated on the educational field, what explains the common sense that it is necessary an reorientation of Infant Education guided by an ideal of inclusion, what would contribute to comprehend babies as subjects of rights presents at the preschool nowadays. My final considerations sugests that babies, despite the major education involving them, don’t stop to produce minorities in their signification webs.

**Keywords:** Childhood education; Minor; Baby.

**Resumen:** Este artículo mapea las producciones brasileñas sobre género y bebés para recriar las tecnologías de género que participan de la sujeción del deseo infantil de los bebés. El método consistió em revisión exploratoria de literatura. En las producciones encontradas el término “bebé” suele ser sustituido por “niño”; los discursos de essas infancias son abordados como productores de subjetividades generificadas em las relaciones entre sujetos de una misma generación o de diferentes generaciones. Además, la mayoría de las producciones está concentrada em el area de la educación, lo qu eexplica el sentimiento común de la necesidad de reorientación de la Educación Infantil a partir de um ideal de inclusión, lo que contribuiría para comprender los bebés como sujetos de derecho presentes em el cotidiano de la pre-escuela. Mis consideraciones finales sugieren que los bebés, apesar de la educación mayor que los envuelve, no dejan de producir minoridades em sus redes de significación.

**Palabras clave:** Educación infantil; Menor; Bebé.

## Introdução

A filosofia da diferença costuma diferenciar entre educação maior e educação menor para que salte aos olhos as experimentações da minoridade, cujo cerne dessa discussão está no

---

<sup>1</sup> Unicamp

entendimento do par *maior/menor* para modificar o sentido do vocábulo *educação*, como encontrado nas produções do Grupo Transversal (2015). Partindo de Deleuze e Guattari (2015), por *menor* entende-se todo processo linguístico de política de um povo, enunciação coletiva e coeficientes de desterritorialização; já por *maior*, a redução das variações linguísticas da minoridade a propriedades nacionais, individuais e territorializadas. A partir de um conjunto de acontecimentos menores e maiores e do conhecimento de suas relações é possível determinar o funcionamento e, portanto, o entendimento do que vem a ser a educação. Logo, a educação poderia ser resumida em uma mônada que inclui em si os acontecimentos menores e maiores e as relações que explicam seus funcionamentos e passagens de graus, o que faz do *maior* e do *menor* apenas pontos de partida e demarcações de enfoque de um problema.

Em interlocução com o grupo *Bebêeducação*, o interesse deste artigo é mapear as produções sobre gênero e bebês no campo da educação a partir de uma revisão exploratória de literatura. Assim como o Grupo Transversal (2015), o grupo *Bebêeducação* explora os bebês também pela perspectiva das minoridades e estão representados principalmente por Tebet (2019), os quais compõem a matriz de meu conhecimento situado (Haraway, 1995). A partir daí, justifico a escolha pelos bebês ao invés dos vocábulos *crianças* ou *crianças pequenininhas*, uma vez que os Estudos de Bebês apresentam novidades epistemológicas desde a antropologia, a geografia e a sociologia, por exemplo, enquanto conhecimento menor tanto para os Estudos de Gênero como para os Estudos da Infância (Tebet, 2019).

Dito isso, ao invés das minoridades, faço da maioria meu ponto de partida, justificado pela pretensão de recriar com o mapeamento a esfera das tecnologias de gênero, o que permite uma perspectiva em rede da constituição dos dispositivos de sexualidade na educação do corpo infantil desde os primeiros momentos de vida dos bebês. Em meio a esse cenário, a minoridade aparece como o momento do desejo em fugas excêntricas aos modelos de captura das subjetividades dos bebês, nos quais eles não são tomados isoladamente, mas participam de redes de significação subversivas ao dispositivo de sexualidade junto com adultos, cuidadoras/es, outras crianças etc. Se tomados como um apanhado de sujeitos, os bebês seriam multidões e, por exemplo, não formariam um povo de cuja vontade se faz política.

### **Tecnologias de gênero**

Originalmente o termo tecnologias de gênero foi cunhado por Lauretis (2010) a partir da noção de tecnologia de si, utilizada por Michel Foucault em vários de seus escritos, mas

sobretudo na fase do ser-poder, quando passa do desenvolvimento de uma genealogia dos fatos para uma analítica do poder (Veiga-Neto, 2007). Esta mesma noção encoraja, ainda hoje, a produção de outras/os feministas, como Haraway (2004), Butler (2002; 2015) e Preciado (2018), a explorar essa ferramenta de análise. Embora a performatividade de Butler (2002) tenha-se sobressaído nos Estudos de Gênero, tal como destacado por Louro (2014), ela pode ser compreendida, a partir de Preciado (2018), como procedimentos tecnológicos de citação e repetição, nos quais o que é citado e o que é repetido só ganham seu estatuto semântico nas ligações proporcionadas pelo fazer da técnica sobre dada materialidade para a estabilização das performances de gênero. Nesse sentido, o gênero é sempre fabricado por um saber técnico e por uma técnica modulável.

Mais do que isto, estas referências em conjunto com os Estudos de Infâncias oferecem uma passagem por “paisagens pós-humanistas” (Haraway, 1993), paradigma que pretende orientar uma pesquisa que dê conta das relações humanas e não-humanas envolvidas nos processos performáticos de gênero das crianças. Durante as performances, é esperado que a passagem de uma criança ao estágio adulto só aconteça mediante processos de subjetivação reguladores das identidades individuais. A escola seria um dispositivo de subjetivação da identidade infantil, e junto dela as creches e pré-escolas (Louro, 2014). Ambas trabalham a formação da identidade através do reconhecimento de si mesmo: da existência de um eu entre outros eus e dos conflitos gerados entre diferentes vontades, na afecção e na interação com objetos humanos e não-humanos, sendo o gênero uma dessas formas de reconhecimento e autorreconhecimento.

Sendo assim, eu chamaria tecnologias de gênero, em acordo com Lauretis (2010), a esses processos de identificação, com todas suas quinquilharias, artefatos, expedientes, cuidados e indivíduos necessários para a consolidação de uma suposta identidade. Considero, ainda, que a subjetivação e a ressignificação retroagem uma sobre a outra, já que o material de modelagem da subjetivação é o próprio desejo infantil, mas seu estado de fluxo constante não o torna uma matéria passiva. Tem-se, então, que se a subjetivação atua nos corpos como uma forma de controle dos processos de identificação, as tecnologias de gênero são tanto a apropriação de códigos sociais, sua distribuição, capilarização e acomodação nos corpos e suas sucessivas re-identificações de gênero nas crianças, seja para repetir ou para repelir uma dada estabilidade.

A tecnologia de gênero tampouco será pensada por uma dicotomização dos universos infantis com os universos adultos, mas como redes capazes de expressar performatividades nos

corpos. Faço assim por compreender que as estruturas do mundo adulto não formam unidade, já que se confrontam, negociam, concorrem e traem umas às outras, justamente porque os projetos de infância estão longe de ser unificados. Por outro lado, minha necessidade do termo rede se deve ao fato de que alguns desses projetos adultos, saibam as crianças ou não, são tentativas de aproximação entre seres adultos/os e seres infantis, das/os cuidadoras/es e das/os cuidadas/os, das/os trabalhadoras/es e das/os não-trabalhadoras/es, e seus sonhos e esperanças possuem relações de força, variação e multiplicação diversas com a produtividade do desejo infantil.

Em alguma medida, rede é o formato que se dá ao currículo, o qual é referido tanto às políticas escritas de autoria de adultos/os em parceria com adultos/os quanto às políticas cotidianas que agitam e fazem pulsar os retículos tecnológicos da unidade escolar. Ao participarem do circuito cultural de uma sociedade de controle (Deleuze, 1997) ou sociedade disciplinar (Foucault, 2011), creches e escolas são frequentemente incentivadas a recorrerem à gestão da vida como proposta de organização curricular. Isto é, transmitir no currículo infantil características de uma realidade biopolítica. Porém, a implementação deste projeto de corpos e vidas ideais esbarra na atuação de agentes na creche e do agenciamento (*agency*) que emerge das interações entre indivíduos localizados.

### **Método para revisão exploratória de literatura**

Nossa seleção das produções acadêmicas constitui artigos de revistas científicas, artigos organizados na forma de livro, dossiês temáticos, resenhas, livros com um ou dois autores, entrevistas para jornais e entrevistas para revistas científicas. Esta coleção deu-se com a busca de palavras-chaves nas plataformas eletrônicas da Periódicos Capes, Scielo Brazil, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Brasileiras, Revista Estudos Feministas e Cadernos PAGU, nas quais combinei um primeiro conjunto de palavras-chaves – “infância”, “bebê” e “criança” – com um segundo conjunto - “gênero”, “sexualidade” e “queer”<sup>2</sup>. Em seguida, selecionei os artigos em português que oferecessem elementos enquadráveis como discursos, práticas, artefatos e pedagogias nos resumos e conclusões, todos orientados à educação de bebês e crianças, na tentativa de simular a rede do dispositivo de sexualidade infantil.

---

<sup>2</sup>A especificidade da palavra “queer” decorre do fato de ser neste campo de estudos que se origina a noção de tecnologias de gênero, por Lauretis (1991; 2010).

Até agora, a pesquisa foi desenhada a partir de obras que podem ser consultadas na sessão *Referências teórico-metodológicas*, mais adiante. Para facilitar a leitura e consulta da sessão seguinte, todas as citações no corpo do texto, sem exceção, poderão ser encontradas na última sessão do artigo - *Referências encontradas nas bases de dados*. Já nas próximas notas de rodapé, diálogo com as referências teórico-metodológicas e faço brevíssimos comentários a pouquíssimas produções da revisão de literatura.

### **A maioria do gênero na educação de bebês**

Os itens apresentados a seguir foram pesquisados a partir da relação “criança” e “gênero”, na qual encontramos um único artigo sobre “bebês” e “gênero” - Flor (2006), sendo seu problema de pesquisa o olhar médico na sexuação da criança. Já a pesquisa relacionando “bebês” nos permitiu identificar temas atrelados principalmente às creches e maternidade, com destaque para as teses e dissertações, cujas abordagens são variadas. Entre estas produções estão Aguiar Jr. (2017), Araújo (2015), Carvalho (2006), Fochi (2013), Guimarães (2011), Laviola (2010), Pereira (2015), Reis (2014), Santos (2015), Somavilla (2015), Sousa (2009), Torres (2013), Urra (2011) e Vargas (2014), nas quais o bebê assume a posição de objeto/sujeito investigado indiretamente ou diretamente, sendo estas últimas produções aquelas de nosso interesse para uma cartografia com bebês.

A tese segundo a qual bebês não são crianças é recente. No *Bebêeducação*, mencionado na introdução, aponta que na Sociologia da Infância de língua inglesa, uma das principais referências para a Sociologia da Infância no Brasil, não há qualquer rigor conceitual para bebês. Ora são vistos como crianças, ora como crianças pequenas ou pequenininhas. Porém, a conceitualização dos bebês tem produzido uma guinada no pensamento da infância.<sup>3</sup> Em nosso acervo, o termo “crianças pequenas” procura dar conta desta lacuna informando experiências distintas entre bebês e crianças a partir de uma diferença de idades, de zero a dois anos – Flores (2000), Guimarães (2011), Pereira (2015) e Vargas (2014) - e de zero a três anos – Fochi (2013), Laviola (2010), Reis (2014), Santos (2015), Torres (2013).

Os bebês aparecem, todavia, na condição de não nascidos nas pesquisas sobre maternidade – Carvalho (2006), Sousa (2009), Stefanello (2005) – ou quando abordam discursos de candidatos políticos (Santos, 2015) e discursos bioéticos (Somavilla, 2015). Os

---

<sup>3</sup>Sobre toda essa discussão, ver a tese de Gabriela Tebet, *Isto não é uma criança!* (2013), e a ampliação desse pensamento a partir de incontáveis colaborações para a investigação com bebês em *Estudos de bebês e diálogos com a sociologia* (2019), obra organizada pela mesma autora.

trabalhos de Flor (2006), Laviola (2010), Reis (2014), Santos (2015), Torres (2013) e Urra (2011) seriam os únicos a relacionar gênero e bebês, abordados indiretamente. Com exceção de Flor (2006), estas últimas pesquisas estão associadas ao Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade (NEGRI) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cujo interesse é trazer visibilidade aos bebês pelos estudos sobre educação, cuidados e creches. É preciso mencionar que as teses e dissertações foram orientadas por Fúlvia Rosemberg, pesquisadora brasileira que pautou sua ação investigativa na interseccionalidade e desagregação de indicadores para uma melhor compreensão sobre a educação infantil no Brasil e ações de combate à desigualdade na educação.

Portanto, as pesquisas que versam sobre relações de gênero e bebês estão mediadas por fatores como feminização do magistério, políticas de educação, direito à infância, sociedade patriarcal e neoliberalismo, temas já abordados por Fúlvia Rosemberg em sua carreira de pesquisadora.<sup>4</sup> Assim, estamos diante de conhecimentos localizados e vinculados ao NEGRI que servem de legado epistemológico e metodológico para o desdobramento dos conhecimentos sobre a educação de bebês.

Entretanto, e uma vez que os bebês não são alvos diretos das pesquisas mencionadas anteriormente, a atuação das tecnologias de gênero ficam circunscritas a outros domínios da subjetividade, a exemplo do interesse pelas crianças, pelas quais se subentende a inserção dos bebês. Por tecnologias de gênero compreendem-se discursos unidos a artefatos como jornais, livrarias, cinemas e salas de aula (Amaral; Rodrigues, 2018), ainda que possam ser confundidos com os dispositivos que orientam e demandam as condutas discursivas e a produção dos artefatos culturais. A literatura e a arte também são apresentadas como componentes importantes para a subjetivação dos sujeitos (Amaral, 2018; Cortés, 2016; Ferreira, 2016; Figueiredo, 2018; Salgado; Souza; Willms, 2018; Tietboehl; Calheiro; Kveller, 2018), junto das mídias (Fiovarante, 2015; Fiovarante; Schmidt, 2018; Salgado; Souza; Willms, 2018; Somavilla, 2015).

Para ser mais específico, as tecnologias de gênero<sup>5</sup> expressam-se nas **rotinas de alimentação** (Butler; Ahmed, 2017; Bento; Dias, 2014), **sono** (Buss-Simão, 2012; Butler;

---

<sup>4</sup>Deixando a revisão de literatura de lado, cf. livro organizado por Monção e Barbosa (2021) sobre o legado intelectual de Fúlvia Rosemberg, além de seu artigo *Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990* (ROSEMBERG, 2001), um grande exemplo de produção interseccional para a educação infantil.

<sup>5</sup>Nem todas as produções adotam o referencial partindo de Michel Foucault ou de Teresa de Lauretis para pensar as tecnologias de gênero. As classificações que se seguem advêm de nossa própria interpretação do que poderia ser considerado uma tecnologia de gênero a partir dos resultados obtidos por estas produções, as quais podem ou não compartilhar de nosso referencial teórico, metodologia e corrente de pensamento. Ver: ROSEMBERG, Fúlvia. *Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990*. **Cadernos Pagu**, v.16, p.151-197, 2001.

Ahmed, 2014), **banheiro** (Bento; Dias, 2014; Gonzatti; Machado, 2018), **uso de nomes e tratamentos** (Butler; Ahmed, 2014; Bento; Dias, 2014; Couto Jr.; Oswald, 2016; Couto Jr.; Pocahy; Oswald, 2018; Giongo, 2015; Kaercher, 2006; Sierra; César, 2016), **roupas** (Bento; Dias, 2014; Fiovarante, 2015; Sierra; César, 2016), **fantasias** (Fiovarante, 2015; Sierra; César, 2016; Zanette, 2016), **maquiagens** (Bento; Dias, 2014), **brinquedos** (Aguiar Jr., 2017; Bento; Dias, 2014; Calheiro; Oliveira, 2017; Giongo, 2015; Fiovarante, 2015; Flores, 2000; Sierra; César, 2016; Zanette, 2016), **jogos** (Giongo, 2015), **cores** (Aguiar Jr., 2017), **regulação da masturbação** (Cassal; Chiaradia, 2017), **reprimenda das brincadeiras** (Aguiar Jr., 2017; Cassal; Chiarada, 2017; Fiovarante, 2015; Flores, 2000; Silva Jr.; Caetano. Goulart, 2018; Zanette, 2016) e **desenhos** (Aguiar Jr., 2017; Preciado, 2013), **medicalização** (Bento; Dias, 2014), **filmes** (Gonzatti; Machado, 2018; Matarra, 2009), **livros** (Couto Jr.; Pocahy; Oswald, 2018; Kaercher, 2006; Sabat, 2001; Sierra; César, 2016), **personagens** (Aguiar Jr., 2017; Fiovarante, 2015; Gonzatti; Machado, 2018; Matarra, 2009; Sabat, 2001; Sierra; César, 2016) e **arquitetura** (Couto Jr.; Pocahy; Oswald, 2018).

As instituições são centrais para compreender este processo de subjetivação do gênero na infância: o **Estado** (Bento; Dias, 2014; Preciado, 2013; Rodrigues; Brasileiro; Zamboni, 2018), a **família** (Bonfanti; Gomes, 2018; Escario, 2017; Fiovarante; Schmidt, 2018; Giongo, 2015; Jesus; Martinelli, 2017; Palma, 2011; Petry, 2011; Preciado, 2013; Salgado; Souza; Willms, 2018; Zanette, 2016; Sousa, 2009; Stefanello, 2005; Torres, 2013; Somavilla, 2015), a **religião** (Giongo, 2015; Moura; Salles, 2018; Preciado, 2013; Rodrigues *et al.*, 2018; Sierra; César, 2016), as **escolas** (Alves; Santos, 2018; Bohm; Silva, 2018; Couto Jr.; Oswald, 2016; Couto Jr.; Pocahy; Oswald, 2018; Fiovarante; Schmidt, 2018; Giongo, 2015; Jesus; Martinelli, 2017; Moura; Salles, 2018; Peixoto, 2013; Petry, 2011; Pretto; Lago, 2013; Sierra; César, 2016), os **hospitais** (Beck; Guizzo, 2013; Fiovarante; Schmidt, 2018; Flor, 2006; Urra, 2011), a **clínica** (Beck; Guizzo, 2013; Tietboehl; Calheiro; Kveller, 2018) consistem nos principais espaços para o exercício das técnicas de subjetivação, além das **creches** (Aguiar Jr., 2017; Buss-Simão, 2012; Flores, 2000; Urra, 2011).

Para cada uma destas instituições as tecnologias de gênero enumeradas anteriormente funcionam em diferentes contextos e práticas, algumas vezes até transpondo ou transitando entre os espaços, o que permite pensar que eles compartilham técnicas, tecnologias e discursos entre si, sustentando-se uns aos outros. Outras vezes, certos espaços são refúgios contra regulamentações limitadoras da liberdade individual ou interferem nas funções de outras instituições. Para dar alguns exemplos, os homens afeminados de Jesus e Martinelli (2017)

sentem-se cerceados pelos padrões binários das famílias e escola, porém, sua conduta corporal não é inibida pelo ambiente da Igreja. Matarra (2009), por sua vez, afirma que filmes de animação infantil podem interferir nas funções escolares de socialização e disciplina dos sujeitos.

Em todo caso, “criança” e “infância” são abordadas como discursos produtores de subjetividades generificadas nas relações entre sujeitos de uma mesma geração ou de diferentes gerações. Quando estes discursos são abrigados por instituições responsáveis por controlar as dissidências sob sua tutela denomina-se esse conjunto de “dispositivo da infância” (Rodrigues *et al.*, 2018). Sua interseccionalidade com outros marcadores, tais como raça/cor, etnia, zona e nacionalidade são incentivados nas pesquisas, sendo ressaltado entre as produções que a categoria gênero sozinha não produz análises satisfatórias por sua baixa complexidade ou são impossíveis pela categoria gênero operar sempre no encontro com outras categorias.

A subversão é uma das análises preferidas dos artigos que se utilizam da teoria *queer*, descrevendo como os corpos infantis resistem às normas de gênero em processos criativos de apropriação, isto é, de ressignificação das crenças, valores, condutas, concepções, posturas, atitudes, regras e normas consolidadas e perpetradas pela sociedade heteronormativa. Suas conclusões e considerações finais afirmam que as práticas conservadoras não estão livres da subversão, sendo o contrário igualmente verdadeiro: a subversão está acompanhada de processos conservativos (Couto Jr.; Pocahy; Oswald, 2018; Figueiredo, 2018; Gonzatti; Machado, 2018; Messeder, 2018; Rodrigues *et al.*, 2018; Sabat, 2001; Silva Jr.; Caetano. Goulart, 2018). Mesmo na experiência de travestis e transexuais pode-se constatar permanências e continuidades (Nogueira, 2009; Petry, 2011).

O currículo escolar é geralmente interpretado como reprodutor da norma hétero (Alves; Santos, 2018; Bohm; Silva, 2018; Couto Jr.; Pocahy; Oswald, 2018; Silva; Paraíso, 2017; Peixoto, 2013) enquanto a formação de professores e professoras é insuficiente para cumprir as exigências de uma educação inclusiva movida pela justiça social e cidadania (Aguilar Jr., 2017; Bento; Dias, 2014<sup>6</sup>; Giongo, 2015). Nestas críticas a escola representa mais um espaço de desprezo, rejeição, vergonha e culpa, no estilo da pedagogia criticada por Preciado (2013), também conhecida por “pedagogia do armário” (Alves; Santos, 2018), ou seja, a escola age como um dispositivo de sexualidade.

As respostas de alguns autores a esta prática pedagógica opressiva, terrorista, excludente e mortífera, uma vez que se sustenta por ideais biopolíticos, são: a “**queerização dos espaços**

---

<sup>6</sup>Nesta entrevista, Berenice Bento afirma que os gestores públicos também precisam de formação em gênero.

**escolares**” (Couto Jr.; Oswald, 2016); **“queerização da escola”** (Sierra; César, 2016); uma **“epistemologia queer”** (Couto Jr.; Pocahy; Oswald, 2018); uma **“crítica queerfeminista”** (Cardoso, 2018); a **“escrita de si”** (Ferreira, 2016); a **arte**, sendo ilustre o caso do encerramento do *queermuseu* por pressão de grupos conservadores como o Movimento Brasil Livre (Amaral, 2018; Moura; Salles, 2018; Salgado; Souza; Willms, 2018; Tietboehl; Cavalheiro; Kveller, 2018), acompanhado do cinema (Cortés, 2016); a **literatura** (Amaral, 2018; Cortés, 2016), cujo maior benefício estaria nas experiências de alteridade e identificação durante a leitura (Figueiredo, 2018); as **redes sociais**, cujas plataformas demonstram potencial para o diálogo e a alteridade (Couto Jr.; Oswald, 2016), apesar de Gonzatti e Machado (2018) afirmarem usos autoritários nas “linguagens viadas” para censurar os interlocutores; e até mesmo a **“ignorância”** na condição de saber e prática para deslocar os conhecimentos hegemônicos (Braga; Machado; Oliveira, 2018).

Um complemento crucial a esta compilação de resultados, é a análise das discussões feitas a partir da palavra “infância” em 47 pesquisas das revistas Estudos Feministas e Cadernos Pagu no período de 1993 à 2013 (20 anos) realizada por Pretto e Lago (2013). Nela destacam 14 pesquisas que utilizam crianças como sujeitos de investigação, predominância da etnografia, caráter interdisciplinar (com destaque para o campo da educação, seguido da antropologia e sociologia), utilização da interseccionalidade para analisar as experiências infantis e apontamento de permanências e resistências na constituição de uma perspectiva patriarcal nas relações de gênero.

Ao refazer esta mesma pesquisa para a palavra “bebê” ao invés de “infância” e ampliando o período de 2013 para 2019, encontramos apenas dois artigos: Véra e Traverso-Yépez (2010) e Hacking (2013), os quais tratam respectivamente sobre modelos de maternidade um programa de política pública no Nordeste brasileiro para bebês de baixo peso e o surgimento da ideia “abuso de crianças” pelas autoridades pediátricas de Denver partindo de casos de bebês espancados. O que gera dois questionamentos sobre estas importantes e influentes revistas feministas: **a)** os feminismos representados pelas revistas não se dedicam a investigar bebês; **b)** quando esses feminismos investigam bebês eles não são protagonistas.

Com efeito, ao substituir o singular “bebê” pelo plural “bebês” dois novos resultados são apresentados na Revista Estudos Feministas mais o artigo já mencionado na Cadernos Pagu: Thébaud (2002) sobre a história da medicalização do parto no período entre guerras na França (1919-1939), quando a taxa de natalidade é baixa e o número de parturientes aumenta na cidade, oferecendo redes de consulta pré e pós-natais no acompanhamento da gravidez e do cuidado de

bebês; e Nascimento (2007), acerca do abandono de crianças, incluídos nesta categoria os bebês, na cidade de Recife entre 1789 e 1832, no qual tenta-se regular o infanticídio enquanto mantinham interdições religiosas e sobre a sexualidade que geravam estas práticas. Isto reforça as questões levantadas anteriormente, acrescentando-se o seguinte corolário ao item **b)**: os bebês contribuem para compreender os discursos assistenciais de uma época que não é o presente.

Contudo, isso não significa que os resultados dessas pesquisas sobre crianças e infâncias sejam desprezíveis para o caso dos bebês em creches, pois algumas de suas argumentações podem desafiar as teorias mais recentes dos Estudos de Bebês na tentativa de complexificar a Sociologia da Infância, o que não pode ser feito sem que se abrace genuinamente essa dificuldade como um desafio epistemológico e metodológico, mas necessário à toda prática de investigação.<sup>7</sup> As várias pesquisas que circunscrevem as crianças às tecnologias de gênero incorrem à conclusão de que a Educação Infantil requer reorientações pedagógicas se é sustentado um ideal de inclusão.

Tal reorientação torna-se cada vez mais patente à medida que os circuitos de maioria são notados nas redes de significação da educação infantil. Se por um lado, enfatizar os bebês colabora para compreendê-los como sujeitos de direito presentes no cotidiano da Educação Infantil, por outro lado seu protagonismo só ganha contornos políticos quando seu desejo é contextualizado pelos circuitos e fluxos, nos quais seu desejo participa como mais um diagrama de forças enganchado no agenciamento coletivo de enunciação<sup>8</sup>.

Por exemplo: nesta revisão exploratória, os estudos sobre bebês apresentam discursos sobre a maternidade nos quais a proteção é evocada como medida contra diversas situações de risco, sendo uma delas a creche (Urria, 2011). Exige-se, portanto, que os esforços das famílias (com maior vigilância sobre as mães), cujas práticas assentam-se em um conhecimento geracional sobre a maternidade herdado por de outras mães, avós, tias, isto é, mulheres com mais experiência na maternidade, recaiam no cuidado (Carvalho, 2006; Sousa, 2009; Stefanello, 2005).

Nas classes médias, caso a mãe tenha de trabalhar, as avós se oferecem para cuidar de bebês e crianças, algumas vezes supervisionando os cuidados de uma babá ou empregada doméstica, para que a creche não seja uma opção (Laviola, 2010; Torres, 2013). O mesmo acontece com mães em áreas rurais, porém, sua tendência é não valorizar a educação

<sup>7</sup>Cf. a já mencionada obra colaborativa organizada por Tebet (2019).

<sup>8</sup>Conforme Gilles Deleuze e Félix Guattari já apontaram em *Kafka* (2015). Ver: **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

extrafamiliar e se desinteressarem pelo poder público por razões estruturais e simbólicas, além de serem mais expostas do que as mulheres de classes médias e urbanas às necessidades de trabalho, razão pela qual utilizam mais intensamente as creches do que as outras mães (Reis, 2014).

O cuidado e a proteção também recaem sobre as professoras e cuidadoras nas creches, para as quais a maternidade pode constituir uma tecnologia de si e estratégia de subjetivação dos bebês por incentivo de outras professoras, equipe gestora, currículo educacional, famílias acompanhadas ou não de crenças e valores pessoais (Flores, 2000). Vale mencionar como a presença de professores homens ora é considerada um risco no trabalho pedagógico e assistencialista nas creches, ora é comparado com as professoras e cuidadores em movimentos de reconhecimento e valorização do trabalho masculino, bem como de comparação com as mulheres e desqualificação frente ao trabalho feminino (Aguilar Jr., 2017).

Portanto, não é necessário esperar pelas nuances do campo político, ao modo de Santos (2015), para perceber a ação política e seus agenciamentos na educação infantil. Esse é um dos principais sentidos em mapear tecnologias de gênero, assim se expande os sentidos da interpelação para as relações não-humanas.<sup>9</sup> Além disso, traça-se as condições determinantes, imprevisíveis e subversivas da e na interpelação da norma para comparar seus *inputs* (as condições de emissão da norma) com seus *outputs* (as condições de implementação ou incorporação da norma).

### Considerações finais

Aparentemente, no que toca ao funcionamento das tecnologias de gênero para uma produção maior dos bebês, o acompanhamento de objetos técnicos não necessariamente explora o conjunto de instituições responsáveis pela subjetivação das infâncias. Por exemplo, rotinas de alimentação, brinquedos e filmes são artefatos que geralmente participam do cotidiano escolar, porém, são deslocados e retraduzidos para esse contexto, embora não sejam nele produzidos. Acrescento ainda que as instituições de interesse continuam seguindo orientações foucaultianas pelo estudo da disciplina escolar e hospitalar ou deleuzo-guattarianas pelo foco na subjetivação clínica e em creche. Em todo caso, mais do que replicações dessas obras, as futuras pesquisas

---

<sup>9</sup>Em *Tecnologias de gênero* (2010), Teresa de Lauretis oferece contribuições valiosas sobre as possibilidades de reinterpretação da norma no momento da interpelação, mais ou menos como, de forma mais aclamada, Judith Butler o fez em *Corpos que importam* (2002), mas o que muda é que a italiana pensa a interpelação cinematográfica, com imagens.

sobre bebês poderiam interessar-se, mesmo que de forma amadora e experimental, a considerar a elaboração de testemunhos modestos, e que poderiam tomar o método e o desenvolvimento de Haraway (2004) por leitura introdutória para então debruçar-se sobre a historicidade da indústria de alimentos, da indústria de brinquedos, da indústria da moda, da indústria cinematográfica e da indústria de tecnologia, além de suas relações com a instituição escolar na subjetivação dos bebês, já que elas determinam pelo menos a forma da educação maior, e certamente deixam rastros no espaço escolar.

Mesmo assim, o interesse pela maioria não eclipsa de uma vez por todas a minoridade dos bebês, cuja agência, constatado pelo próprio desejo indomesticado desses sujeitos, faz-se na dependência de pedagogias anti ou contranormativas para subverter e ressignificar o espaço e as práticas escolares pela criação de linhas de fuga ou pelo menos deslocamentos de sentido entre diferentes contextos de produção, o que por si só, poderia ser uma forma de investigar a individuação dos objetos técnicos enquanto artefatos sociais.

Para finalizar, este mapeamento também ilustra uma alternativa específica para quem se interesse pelas tecnologias de gênero, uma concepção reticular que se traça na medida em que se desdobra o conceito de técnica. Para isso, elenco algumas perguntas norteadoras para pesquisas futuras: como se faz um corpo? Com que peças, códigos e circuitos? Com qual disposição e configuração? E como um corpo se faz a si mesmo? Como recebe, realoca e reparte os acessórios discursivos e não-discursivos avulsos em seu próprio corpo? Como produz suas automontagens? Como identifica (ou confunde) seu corpo com as coisas? Ou ainda, quais tecnologias servem de utensílios para estabilizar ou variar o gênero nos bebês? Que cartografias de infâncias e processos educativos tornam-se possíveis a partir desse olhar?

## Referências

AGUIAR JR, Josué Durval. **Professores de bebês**: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil. 2017, 124f. (Trabalho de Conclusão de Curso). PUC-SP: São Paulo, 2017.

ALVES, Isabella Nara Costa; SANTOS, Francineide Marques da Conceição. O desafio das “infâncias queer” no currículo escolar. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESTUDOS QUEER, 11-13 de abril de 2018. **Anais [...]**. p.1-11, 2018.

AMARAL, João Pedro Wizniewsky. Leitura queer: um ato de resistência e alteridade. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 313-323, maio-out. 2018.

AMARAL, Eder; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Infância à penumbra**: notas para uma meteorologia da moral. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p.5-25, maio-out. 2018.

ARAÚJO, Rute Pereira Alves de. **Pedagogia, currículo e literatura infantil: embates, discussões e reflexões**. 2015. 430f. (Tese de Doutorado). UFPR: João Pessoa, 2015.

BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **Holos**, ano 29, v. 4, p. 172-182, 2013.

BENTO, Berenice; DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cadernos PAGU**, n.43, p.475-497, 2014.

BOHM, Alessandra Maria; SILVA, Rosimeri Aquino da. Biopolítica e corpos infantis. SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES.5. 2015. **Anais [...]**. UNEB, p. 1-12, 2015.

BONFANTI, Ana Letícia; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 105-121, maio-out. 2018.

BRAGA, Laíra Assunção; MACHADO, Thiago Pereira; OLIVEIRA, Luciano. Entre o temor e a resistência: o demônio da boneca e o “viadinho” abusado. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 75-86, maio-out. 2018.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith; AHMED, Sara. Judith Butler: “boa parte da teoria *queer* foi dirigida contra o policiamento da identidade”. **Com Ciência**, entrevista, dossiê 185, 10 de fevereiro de 2017. Disponível em: [BUSS-SIMÃO, Márcia. \*\*Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas\*\*. 2012. 312f. \(Tese de Doutorado\). UFSC: Florianópolis, 2012.](https://www.comciencia.br/entrevista-com-judith-butler/#:~:text=entrevista%2C%20_dossi%C3%AA%20185-,Judith%20Butler%3A%20'Boa%20parte%20de%20teoria%20queer%20foi%20dirigida,contra%20%20policiamento%20da%20identidade'&text=Eu%20tamb%C3%A9m%20fiquei%20desorientada,em%20certos%20lugares%20na%20Europa. Acesso em: 12/05/2025.</a></p></div><div data-bbox=)

CALHEIRO, Ineildes; OLIVEIRA, Eduardo. Olhar africano no tornar-se feminista: por uma nova geração no mundo de Chimanda. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 230-235, dez. 2017.

CARDOSO, Daniel. Notas sobre a criança transviada: considerações queerfeministas sobre infâncias. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 214-233, maio-out. 2018.

CARVALHO, Priscila Abreu de. **Enquanto o bebê não vem... a maternidade e a realização pessoa: significados atribuídos por mulheres de Itajubá**. 2006. 244f. (Dissertação de Mestrado). PUC-SP: São Paulo: 2006.

CASSAL, Luan Carpes Barros; CHIARADIA, Cristiana de França. Sexualidade, brincadeira e escola no processo de normalização da infância. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 59-76, mar.-jun. 2017.

CORTÉS, Ana. El niño queer o crecer oblicuamente en el siglo veinte, por Kathryn Bond Stockton. **Literatura y Lingüística**, n. 34, p. 433-448, 2016.

- COUTO JR., Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Em defesa de uma pedagogia queer: re-imaginando corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 123-142, set.-dez. 2016.
- COUTO JR., Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando Altair; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 55-74, maio-out. 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- ESCARIO, Almudena de Linos. Madres e hijas: si hereda el modelo de maternidade? **Empiria**, n. 39, p. 175-199, jan.-abr. 2018.
- FERREIRA, Marcelo Sanatana. Sobre crianças, sexopolítica e escrita de si. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v.6, n. especial, jan. 2016.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. **Criação & Crítica**, n. 20, p. 40-55, 2018.
- FIOVARANTE, Tiago Daniel. **Crianças queer e a representação na mídia brasileira**. 2015. 100f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade FEEVALE:Nova Hamburgo, 2015.
- FIOVARANTE, Tiago Daniel; SCHMIDT, Saraí. Sobre ciborgues e monstros ou como a mídia representa a infância queer. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 268-287, maio-out. 2018.
- FLOR, Nuria Gregori. Los cuerpos fictícios de la biomedicina. El proceso de construcción del género en los protocolos médicos de asignación de sexo en bebés intersexuales. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Ed. Eletrônica, Madrid, v. 1, n. 1, p. 103-124, jan.-fev. 2006.
- FLORES, Maria Luiza Rodrigues. **Conversando com educadoras e educadores de berçário: relações de gênero & de classe na Educação Infantil**. 2000. 299f. (Dissertação de Mestrado). UFRS: Porto Alegre, 2000.
- FOCHI, Paulo Sergio. “**Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?**”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva (Dissertação de Mestrado). UFRS: Porto Alegre, 2013. 172 f.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 39. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GIONGO, Marina Grandi. **Socialização de gênero e educação infantil: estudo de caso sobre a construção e reprodução dos papéis de gênero em uma escola no Rio Grande do Sul**. 2015. 174f. (Dissertação de Mestrado). PUC-RS: Porto Alegre, 2015.
- GONZATTI, Christian; MACHADO, Felipe Viero Kolinski. Notas sobre o espalhamento da criança viada na cultura pop digital brasileira. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 248-267, maio-out. 2018.
- GRUPO TRANSVERSAL. **Educação menor: conceitos e experimentações**. 2 Ed. Curitiba: Editora Appris, 2015.
- GUIMARÃES, Rosela Martins. **Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras: um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário**. 2011. 259f. (Dissertação de Mestrado). UFRS: Porto Alegre, 2011.

- HACKING, Ian. Construindo tipos: o caso de abusos contra crianças. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 40, p. 7-66, jun. 2013.
- HARAWAY, Donna. O humano numa paisagem pós-humanista. **Estudos Feministas**, ano 1, p. 277-292, 2 sem. 1993.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v.5, p. 7-41, 1995.
- HARAWAY, Donna. **Testigo modesto@segundo milenio**. hombrehembra \_conoce\_ oncoratón©: feminismo y tecnociencia. Ilust. L. M. Randolph. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- JESUS, Atair José Bernardino de; MARTELLI, André Cristina. “Afeminada”: a construção da identidade de sujeitos atravessada pelos lastros sociais. SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL. 5., 26-28 de abril de 2017. **Anais [...]**. 2017.
- KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. **O mundo na caixa**: gênero e raça no Programa Nacional Biblioteca da Escola – 1999. 2006. 225f. (Tese de Doutorado). UFRS: Porto Alegre, 2006.
- LAURETIS, Teresa de. Queer theory: lesbian and gay sexualities, an introduction. **Differences**, v.3, n.2, p.3-18, 1991.
- LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender**: essays on theory, film, and fiction. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- LAVIOLA, Elaine Cardia. **O bebê, sua educação e cuidado em discursos de mães de camadas médias**. 2010. 434f. (Tese de Doutorado). PUC-SP: São Paulo, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MATARRA, Bianca Gonçalves. **Infância e construção normativa de gênero e sexualidade**: a construção do padrão normativo nos filmes de animação infantil. 2009. 52f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2009.
- MESSEDER, Suely Aldir. Memórias e cenas narradas sobre a infância e as relações de gênero na linha de vida da professora universitária e da pesquisadora encarnada. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 122-135, maio-out. 2018.
- MOURA, Fernanda Pereira; SALLES, Diogo da Costa. O Escola Sem Partido e o ódio aos professores que formam crianças (des)viadas. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 136-160, maio-out. 2018.
- MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes; BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro (Orgs.). **Políticas públicas de educação infantil**: diálogos com o legado de Fúlvia Rosemberg. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. Frutos da castidade e da lascívia: as crianças abandonadas no Recife (1789-1832). **Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 67-83, 2007.
- NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa. **A saga da beleza**: um estudo das transformações corporais na ‘experiência travesti’ (Dissertação de Mestrado). UFPR: João Pessoa, 2009.
- PALMA, Yáskara Arrial. **Mamãe e... mamãe?** Apresentando as famílias homomaternais. 2011. 117f. (Dissertação de Mestrado). PUC-RS: Porto Alegre, 2011.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira. Currículos e provocações queer. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO O GÊNERO, 10., Santa Catarina, 16-20 de setembro de 2013. **Anais [...]**. 2013.

PEREIRA, Rachel Freitas. **Os processos de socializ(ação) entre os bebês e os bebês e adultos no contexto da educação infantil**. 2015. 250f. (Tese de Doutorado). UFRS: Porto Alegre, 2015.

PETRY, Analídia Rodolpho. **Migrações sexuais e de gênero: experiências de mulheres transexuais**. 2011, 211f. (Tese de Doutorado). UFRS: Porto Alegre, 2011.

PRECIADO, Paul. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Beatriz. Quién defende al niñx queer? **Museu d'Art Contemporani de Barcelona**, Paris, p. 1-3, 13 jan 2013.

PRETTO, Zuleica; LAGO, Mara. Reflexões sobre a infância e gênero a partir de publicações feministas brasileiras. **Ártemis**, v. 15, n. 1, p. 56-71, jan.-jul. 2013.

REIS, Mauricio Muniz dos. **Discursos de mães sobre a educação e cuidado do bebê de área rural**. 2014. 216f. (Dissertação de Mestrado). PUC-SP: São Paulo, 2014.

RODRIGUES, Alexsandro; BRASILEIRO, Castiel Vitorino; ZAMBONI, Jésio. *No entre-lugar do corpo, gênero, sexualidade e raça: encontros com outras crianças e infâncias*. **Revista Brasileira de Estudos de Homocultura**, v.1, p.29-46, 2018.

SABAT, Ruth Ramos. Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis? REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. 2001. **Anais [...]**, Caxambu, p. 1-11, out. 2001.

SALGADO, Raquel Gonçalves; SOUZA, Leonardo Lemos; WILLMS, Elni Elisa. Infância, arte, gênero e educação: a mordada e a criminalização em nome da proteção. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 26-54, maio-out. 2018.

SANTOS, Angela da Cruz. **Discursos sobre bebê e creche na propaganda eleitoral de 2012 no município de São Paulo**. 2015. 180f. (Dissertação de Mestrado). PUC-SP: São Paulo, 2015.

SIERRA, Jamil Cabral; CÉSAR, Maria Rita de Assis. A criança queer no cinema e as subversões das normas de gênero e sexualidade na escola. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 47-60, jan.-abr. 2016.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar. SBECE, 7. / SIECE, 4. 12-14 de junho de 2017. **Anais [...]**. ULBRA: Canoas, 2017.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; CAETANO, Marcio; GOULART, Treyce Ellen Silva. “Ele queria ser a Cinderela”: construções queer à leitura das masculinidades no ensino fundamental. **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 87-104, maio-out. 2018.

SOMAVILLA, Vera da Costa. **Quando vai ser? O bebê ou a coleta das células-tronco? As pedagogias do risco e a colonização molecular do futuro**. 2015. 174f. (Tese de Doutorado). UFRS: Porto Alegre, 2015.

SOUSA, Lenice Dutra de. **O significado da maternidade para mães adolescentes à luz da teoria das representações sociais** (Dissertação de Mestrado). UFRS: Rio Grande, 2009.

STEFANELLO, Juliana. **A vivência do cuidado no puerpério**: as mulheres construindo-se como mães (Dissertação de Mestrado). USP: Ribeirão Preto, 2005. 118 f.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. **Isto não é uma criança!** teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa. 2013. 160f. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2013.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos (org.). **Estudos de bebês e diálogos com a sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

THÉBAUD, Françoise. A medicalização do parto e suas consequências: o exemplo da França no período entre as duas guerras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 415-427, jan. 2002.

TIETBOEHL, Léo; CALHEIRO, Rafael; KVELLER, Daniel. Quem tem medo de crianças queer? alguns questionamentos às normatividades em psicanálise. *Periódicus*, n. 9, v. 1, p. 234-247, maio-out. 2018.

TORRES, Maria Eduarda Abrantes. **Discursos de avós sobre o bebê, sua educação e cuidado** (Dissertação de Mestrado). PUC-SP: São Paulo, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

URRA, Flávio. **Concepção de creche em revistas brasileiras de pediatria**: uma interpretação a partir da ideologia. 2011. 210f. (Dissertação de Mestrado). PUC-SP: São Paulo, 2011.

VARGAS, Gardia Maria Santos de. **Bebês em suas experiências primeiras**: perspectivas para uma escola da infância. 2014. 226f. (Tese de Doutorado). UFRS: Porto Alegre, 2014.

VÉRAS, Renata Meira; TRAVERSO-YÉPEZ, Martha Azucena. A maternidade na política de humanização dos cuidados ao bebê prematuro e/ou de baixo peso – Programa Canguru. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 61, jan. 2010.

ZANETTE, Jaime Eduardo. **Dos enigmas da infância**: transexualidade e tensionamentos dos scripts de gênero. 2016. 63f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2016.

### Sobre o autor

**Alan Isaac Mendes Caballero**: Graduado em Pedagogia, Mestre em Educação e Doutorando em Educação, todos pela UNICAMP, com escopo em sociologia da educação, fundamentos de educação e organização do trabalho escolar.

*E-mail*: alanisaac09@gmail.com

Recebido em: 27 de fevereiro de 2025

Aprovado em: 11 de maio de 2025